

O Narcisismo - A necessidade do amor por si mesmo como uma necessidade da alma

“Cada homem que persegue seu próprio destino é um narcisista”

Jung, (1922)

O amor por si mesmo leva à necessidade do auto-conhecimento. Este para mim é o fio condutor por meio do qual entendo o chamado interno para um processo de individuação.

A visão psicanalítica do narcisismo mostra-se reducionista e unilateral ao enfatizar a psicologia.

Freud em seus escritos finais fala do “tipo narcisista” com uma predominância de interesse na auto-preservação. É o indivíduo auto-centrado cuja energia não é investida nas relações.

A psicanálise pós Freud, por exemplo com Winnicott e Bion falam da importância que a mãe tem na função especular e no desenvolvimento da identidade da criança.

O meu olhar sobre o narcisismo inclui a polaridade numinosa do arquétipo que traz a importância da reflexão sobre si mesmo para o auto-conhecimento.

O arquétipo de narciso fala sobre o amor por si próprio com reflexo da necessidade da alma ser vista e de ser reconhecida.

Na tradição cristã fala-se da importância de se amar o próximo como a si mesmo. O amor por si mesmo pode ser visto como um dos aspectos de Eros.

Narciso ao ver sua imagem refletida na água se vê revelado e se reconhece, tornando-se consciente de si mesmo.

Na literatura vemos referências a este momento especial de encontro consigo mesmo a partir do espelhamento em uma imagem.

“O retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde – trechos...

“... Dorian não respondeu...

Aproximou-se descuidosamente de seu retrato... pôs-lhe os olhos e um raio de alegria iluminou-lhe os olhos. Ele se reconheceu pela primeira vez.

... Dias e dias se colocara diante do seu retrato, maravilhando-se, quase enamorado dele...”

O reconhecimento de si é parte do desenvolvimento do eu, que precisa ser visto e ser amado.

James Hillman parafraseando Berkeley diz que para cada pessoa ser ela mesma é preciso que seja percebida. O quadro narciso de Caravaggio mostra esta forma legítima de amor como necessidade da alma, revelando um outro lado do arquétipo.

Newman diz na história da consciência que o simbolismo urubórico no início do desenvolvimento do ego não deve ser reduzido ao conceito de auto-erotismo.

Esta fusão e indiscriminação inicial tem caráter organizador e é importante para o desenvolvimento do Ego. Somente num outro momento onde há a necessidade da discriminação e diferenciação, se houver a fixação neste estágio inicial, poderíamos pensar em um distúrbio.

O urubórus das primeiras fases tem caráter formativo e organizador como expressão do desenvolvimento da individualidade. A mãe tem um papel importantíssimo para o filho, como o primeiro espelho onde a criança se vê, se reconhece e é empaticamente reconhecida.

Poderíamos dizer que no narcisismo em seu aspecto negativo, o ego não se diferencia, não acontecendo seu reconhecimento como individualidade. O Eu e o Tu não estão diferenciados. Há um estado regressivo e infantil.

Schartzwzalongt fala sobre o processo de individuação em que o ego vai se desenvolvendo em direção ao Si-mesmo e vai acontecendo a cada estágio, a necessidade de reflexão numa dialética especular entre consciente e inconsciente.

Quando há indiscriminação entre as duas instâncias e super valorização dos aspectos egóicos, Jung fala que o desenvolvimento psíquico não está a serviço da individuação, mas de um auto-erotismo.

Poderíamos então finalmente falar de uma psicopatologia narcísica quando há falência no processo formativo do si-mesmo, normalmente por um distúrbio na relação primária, acontecendo uma ruptura no eixo ego/Self e comprometendo o sentido de identidade.

Desta forma, o encontro de narciso com a própria imagem pode ou não conduzir à uma vivência transformadora. Essa releitura vê o mito como metáfora do processo de individuação, entendendo-o em sua dimensão arquetípica.

Murray Stein diz que podemos entender cada mito como a jornada da alma em busca de sua origem.

Quando narciso olha seu rosto refletido na água, busca o contato com o seu Eu mais profundo, repetindo por meio do auto-espelhamento suprir a experiência primária que lhe foi falha, mas se há uma fixação na imagem, ocorre uma paralização no fluxo de energia, cujo perigo é a perda da alma.

O duplo visto por Narciso é o Si-mesmo, centro ordenador da psique que se manifesta num processo contínuo e cuja experiência é uma derrota para o ego, impulsionando-o para além de sua realidade.

O mito de Narciso narrado por Ovídio diz que Liríope, a ninfa, preocupada com o destino de seu filho Narciso, consulta o sábio Tirésias que diz que ele não viveria para se auto-conhecer.

Seu pai, o Deus Céfiso traz o caráter arcaico de dominação e o encontro com Liríope é visto como um ato de violência e imposição. Assim nasceu Narciso, fruto dessa relação, cuja mãe traz em sua natureza o excesso de empatia e a ausência de consciência crítica.

Esse tipo de personalidade projeta no outro seus recursos criativos, dificultando o seu processo de auto-conhecimento.

Ao desconhecer-se, Liríope não pode refletir seu filho e nem reconhecer suas necessidades. Apenas refletiu seu próprio desejo de que seu filho fosse belo e perfeito. Esta é a ferida narcísica.

A agressividade de Céfiso em seu aspecto positivo pode ser vista como o impulso em direção à diferenciação.

Céfiso representa um conteúdo inconsciente rico em potencialidades. É a capacidade masculina fertilizadora. Encarado em seu aspecto negativo, representa o aspecto esmagador da personalidade de narcísico que não dá espaço para o outro.

Liríope é a polaridade feminina em seu aspecto receptivo, sendo considerada a matéria prima a ser desenvolvida. Traz em sua potencialidade a capacidade empática arquetípica.

Este casal parental traz uma série de consequências negativas para o filho, cujas dificuldades no plano relacional constituem um forte impedimento ao processo de individuação.

Narciso é a referência ao ego em sua luta para nascer, fortalecer e se diferenciar.

Ele está em estado indiferenciado, há a ameaça de ser tragado pelo inconsciente.

Quando Narciso se percebe por meio do espelhamento na água, a identidade começa a se formar. Vai acontecendo nesse momento o rompimento do estado inicial de totalidade. Passa a existir o outro, e a partir da separação, a percepção da falta.

Neste momento em que se olha e vê o outro, descobre-se e o Eros é revelado.

O lago traz a realidade simbólica do espelho que em sua função de refletir, descontinua uma realidade oculta.

Ele nos remete a um olhar revelador que propicia a ampliação da consciência de si mesmo.

Tirésias é a representação do Si-mesmo em sua sabedoria como o arquétipo do velho sábio tem o dom profético e o mensageiro das verdades internas.

Nêmesis é a Deusa do destino e da justiça, impõe a Narciso o sofrimento de se apaixonar por sua imagem. A presença dessa deusa no mito é a representação da lei interna, sinalizando a necessidade de redirecionamento do processo, pois há a inflação egóica que precisa ser reparada.

A saída desta inflação dá-se a partir da conscientização.

Eco diz a ninfa que se enamora de Narciso. Ela depende do outro como ninfa para Ter existência psíquica. Sua função é ecoar e refletir empaticamente. Assim, ela repete as palavras de Narciso, ecoa sua tristeza pela impossibilidade de tocar seu objeto amado: a própria imagem.

Esta repetição é importante, para que Narciso reflita e possa acontecer a compreensão e a elaboração de uma necessidade profunda.

O mito de Narciso em seu aspecto positivo pode ser entendido como uma experiência de transformação no processo de individuação. É o símbolo do movimento em direção à uma nova consciência. Representa a vida psíquica em trânsito em busca de reconexão com o Si-mesmo.

Há a morte simbólica do ego na imersão na água, podendo conduzir à ampliação da consciência.

Quando Narciso mergulhou, seu corpo não foi encontrado, mas em seu lugar havia uma flor que recebeu seu nome e evoca o ciclo renovador da natureza simbolizando a representação psicológica do Si-mesmo.

O narcisismo pode ser entendido como uma das formas de apresentação de Eros, em que é preciso amar a si mesmo para amar ao outro, na manifestação legítima de alteridade.